

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL¹

Laura Iumi Nobre Ota,

Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP)

Viviana Graziela de Almeida Vasconcelos Barboni,

Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP)

Yara Maria de Carvalho,

Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP)

RESUMO

Este trabalho buscou problematizar a formação em Educação Física para a atuação com PICS no SUS, a partir do mapeamento de referências teóricas de profissionais de um serviço de saúde em São Paulo - SP. Para isso utilizou-se entrevistas individuais com três profissionais, identificando a predominância de referências teórico-conceituais das ciências humanas e sociais. Isso reforça o papel central da saúde coletiva e das ciências humanas e sociais na formação para qualificar a atuação com PICS.

PALAVRAS-CHAVE: SUS; formação profissional em saúde; prática integral de cuidados de saúde.

INTRODUÇÃO

A inserção da Educação Física como produtora de cuidado no Sistema Único de Saúde (SUS) tem ocorrido de forma diversificada em diferentes ambientes institucionais e com diferentes significados culturais, sociais, históricos, políticos e econômicos. E algumas políticas nacionais de saúde configuram-se como estratégias importantes para a inclusão e manutenção do profissional de educação física no SUS.

Destacamos a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) de 2006, que legitimou as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) como dispositivos de cuidado. Inicialmente, a política contemplava cinco recursos e sistemas terapêuticos: medicina tradicional chinesa/acupuntura, medicina antroposófica, homeopatia, termalismo social/crenoterapia e plantas medicinais e fitoterapia (BRASIL, 2015). Em 2017 e

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2018 foram incorporadas 14² e 10³ práticas, respectivamente, totalizando 29 PICS. Esse crescimento e expansão das PICS⁴ no SUS nos leva a problematizar os sentidos e significados atribuídos às práticas e como elas ocorrem no momento atual.

Loch, Rech e Costa (2020) nos apontam a urgência da aproximação da formação da Educação Física com o campo da Saúde Coletiva, evidenciada, principalmente, com a pandemia do COVID-19. De tal modo, para problematizar o pensar-fazer da área, procuramos conhecer a formação dos profissionais da saúde que trabalham com as PICS em um serviço de saúde da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo (SMS-SP), mapeando autores e obras utilizadas como referencial teórico-conceitual por esses profissionais, com o intuito de contribuir para a qualificação da atuação do profissional específico no SUS.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que a partir de entrevistas com um roteiro semiestruturado, buscou mapear a complexidade das relações entre as reflexões teórico-conceituais e as PICS como práticas de saúde e de cuidado.

A pesquisa foi realizada no Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO) Parque Ibirapuera, localizado na zona sul da cidade de São Paulo, entre os meses de março e junho de 2019. Os CECCO são serviços de saúde da Rede de Atenção Psicossocial do município de São Paulo, abertos para qualquer pessoa e com uma proposta de cuidado a partir do encontro da diversidade em oficinas com atividades artísticas, corporais, artesanais, culturais, dentre outras.

As três profissionais responsáveis pelas PICS no serviço responderam à entrevista individual com a pergunta norteadora: ‘quais obras e autores são uma referência teórico-conceitual para a sua prática?’. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas pela pesquisadora principal. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo (CAAE: 05988919.5.0000.0086).

² Ayurveda, arteterapia, biodança, dança circular, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia comunitária integrativa e yoga.

³ Apiterapia, aromaterapia, bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, geoterapia, hipnoterapia, imposição de mãos, ozonioterapia, terapia de florais.

⁴ Embora as Medicinas Tradicionais Brasileiras não estão contempladas na PNPIC e na formação em Educação Física (BARBONI; OTA; CARVALHO, 2021), neste trabalho, quando nos referimos às PICS como conjunto de saberes e práticas de cuidado, consideramos também as medicinas tradicionais ameríndias e africanas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observamos no CECCO Parque Ibirapuera oficinas referentes às PICS e práticas corporais em cada um dos dias da semana, são elas: música, caminhada/alongamento, yoga, meditação e tai chi Pai Lin. Algumas das oficinas contam com a presença de um colaborador (a pessoa que tem o conhecimento de determinada técnica) junto com a profissional de saúde responsável, que coordena e media a oficina através das tecnologias de cuidado relacionais.

Trazemos um mapa das obras e autores utilizados como referencial teórico pelas profissionais entrevistadas. Ele mostra o espaço-tempo único das entrevistas e é aberto a contribuições de diversas naturezas, podendo sofrer transformações e modificações.

Ao pensar sobre autores e obras referenciais, as profissionais trouxeram leituras atuais, como poemas da autora Sophia Andresen e Manoel de Barros na obra *Poesia Completa*, *A Hermenêutica do Sujeito*, de Michel Foucault, *Diálogo sobre a Natureza Humana* de Boris Cyrulnick e Edgar Morin e *Arte como Terapia* dos autores Alain de Botton e John Armstrong.

Por estarem em um CECCO, observamos autores e obras referentes a grupos operacionais, como Pichon-Rivière e José Bleger e a obra *O Campo Grupal: notas para uma genealogia* de Ana Maria Fernandez. Também observamos autores que estiveram presentes na formação acadêmica e de algum modo ajudam a pensar a prática atual, como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault; falaram da busca pessoal como Carl G. Jung; e de obras de Paulo Freire que compõem com a prática na saúde. É importante destacar que, quando a formação acadêmica aparece na narrativa das profissionais entrevistadas, elas se referem às áreas temáticas relacionadas às ciências humanas e sociais - filosofia, antropologia, psicologia, ciências sociais e políticas -, e saúde coletiva e não houve menção ao conhecimento técnico ou biomédico da área.

Por último, temos referências teórico-conceituais específicas para algumas oficinas de PICS no CECCO: a arteterapia com uma visão antroposófica; as obras *Tao Te Ching* e *I Ching*; e a tradição oral do Tai Chi Pai Lin passada pela discípula do mestre Jerusha Chang.

Conforme mapeado, podemos compreender que para trabalhar com as PICS em um CECCO as profissionais recorrem a um referencial teórico-conceitual das ciências humanas e sociais. Assim, se pensarmos em uma Educação Física com um viés voltado também para abordagens menos técnicas e menos centradas nas ciências naturais talvez ficasse mais fácil as aproximações e dinâmicas inter e entre profissionais. Integralidade e humanização dos

serviços e da atenção à saúde são princípios que atravessariam as propostas e iniciativas de cuidado.

Da mesma maneira, compreendemos que a Educação Física relacionada à saúde não se refere apenas ao bem-estar físico, mas ao encontro com o outro, com o ouvir e o fazer-se ouvir, com o estabelecimento de vínculos, relações e afetos. A Educação Física analisada a partir de um referencial da saúde coletiva, entende as relações, as práticas e ações como coletivos que constroem cotidianamente seus diferentes modos de existir e a atuar na vida.

A atuação do profissional de educação física no SUS busca a produção de cuidado. Ela acontece sempre se referindo a um outro, que não raras vezes é um coletivo, que atribui sentidos às práticas de cuidado. O trabalho desse profissional é “vivo em ato”, atravessado por distintas lógicas, aberto para práticas criadoras e para a presença das tecnologias leves de cuidado ou relacionais (MERHY, 2013). As tecnologias leves “correspondem a tudo que é utilizado para favorecer o encontro – escuta, empatia, reconhecimento, porosidade, conhecimentos produzidos a partir da experiência e agenciados pelo encontro, entre outros” (MERHY *et al.*, 2019, p. 73). As práticas corporais e as PICS podem ser ferramentas para o encontro com o outro no SUS. E, ao pensarmos no referencial teórico-conceitual que orienta a prática profissional contribuimos para a sua qualificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do COVID-19 tem nos mostrado a importância da qualificação das práticas de saúde no SUS. No entanto, é fundamental pensarmos e problematizarmos as práticas de cuidado tendo subsídios teórico-conceituais.

Ao mapear autores e obras utilizadas como referencial teórico-conceitual pelas profissionais de saúde no CECCO Parque Ibirapuera, a pesquisa provocou deslocamentos e instigou as profissionais a revisitar suas práticas, buscando conexões e revendo os sentidos das PICS como práticas de cuidado.

Destacamos que uma formação em Educação Física em diálogo com a saúde coletiva e as ciências humanas e sociais tem garantido o debate e a produção de rede em defesa dos princípios do SUS e tem valorizado e potencializado a pluralidade e a singularidade de vidas e existências, pois, todas as vidas importam.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

INTEGRATIVE AND COMPLEMENTARY HEALTH PRACTICES AND PHYSICAL EDUCATION: A CONCEPTUAL AND THEORETICAL FRAMEWORK

ABSTRACT

The present work problematized the education in Physical Education to work with the PICS in the SUS, based on the mapping of the theoretical framework of professionals in a health service in the city of São Paulo. For this, three professionals answered individual interviews, from which we identified the predominance of references from the human and social sciences. This reinforces the central role of collective health and the human and social sciences in education to qualify the work with PICS.

KEYWORDS: *Unified Health System; Health Human Resource Training; Integral Healthcare Practice.*

PRÁCTICAS INTEGRADORAS Y COMPLEMENTARIAS EN SALUD Y EDUCACIÓN FÍSICA: UN MARCO TEÓRICO-CONCEPTUAL

RESUMEN

Este trabajo buscó problematizar la formación en Educación Física para trabajar con el PICS en el SUS, a partir del mapeo del marco teórico de los profesionales en un servicio de salud municipal de São Paulo. Para ello, se utilizaron entrevistas individuales con tres profesionales, identificando el predominio de referencias de las ciencias humanas y sociales. Esto refuerza el papel central de la salud colectiva y las ciencias humanas y sociales en la formación para calificar el trabajo con PICS.

PALABRAS CLAVES: *Sistema Único de Salud; Capacitación de Recursos Humanos en Salud; Práctica Integral de Atención.*

REFERÊNCIAS

BARBONI, V. G. A. V.; OTA, L. I. N.; CARVALHO, Y. M. Ausência das Medicinas Tradicionais Brasileiras na formação em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. In: II CONGRESSO ONLINE NACIONAL DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE, 2021. **Anais do II CONAPICS**. v. 1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde - Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: Atitude de Ampliação no Acesso**, Brasília, 2 ed., 2015. Disponível em:



<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2021.

LOCH, M. R.; RECH, C. R.; COSTA, F. F. A urgência da Saúde Coletiva na formação em Educação Física: lições com o COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 3511-3516, setembro 2020.

MERHY, E. E. Em Busca do Tempo Perdido: a micropolítica do trabalho vivo em ato, em saúde. In: FRANCO, T. B.; MERHY, E. E. (org.). **Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde**: textos reunidos. São Paulo: Hucitec, 2013. p. 10-50.

MERHY, E. E. *et al.* Rede Básica, campo de forças e micropolítica: implicações para a gestão e cuidado em saúde. **Saúde e Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. especial, p. 70-83, dezembro 2019.